



«Pecadores e traidores
é o que mais existe na Igreja.
O extraordinário,
o surpreendente,
é que esta mesma Igreja
ainda seja capaz
de produzir santos».

Jean Luc Marion,
filósofo católico francês.

santidade

ao alcance de todos

No meio do tenebroso momento que se vive, atualmente, neste nosso país, **chega-nos a exortação apostólica do papa sobre a santidade.** [3ª exortação Apostólica do Papa Francisco, **GAUDET ET EXSULTATE (Alegrai-vos e exultai, 19.03.2018)**] Tema abstrato e distante da realidade? perguntarão alguns. Alienação perigosa que nos remete para claustros, vitrais e fuga do mundo e dos seus conflitos? indagarão outros. Na verdade, não. O que o pontífice propõe, nesta sua exortação, é uma compreensão mais realista e humana do que seja o ideal de ser santo, num mundo fragmentado e dividido.

Acostumamo-nos a pensar nos **santos como aqueles/as homens e mulheres que vemos retratados em quadros ou vitrais, geralmente ajoelhados e em extática contemplação;** ou em ascéticos exercícios de piedade que os ajudam a vencer o mundo e as suas ambiguidades e contradições. Imaginamos tratar-se de pessoas que nada têm a ver com a profanidade das coisas e as limitações das pessoas, e que buscam a perfeição, numa ascensão ininterrupta a um estado de vida quase angelico e pouco humano.

O que Francisco propõe é, na verdade, o inverso disto mesmo. **A santidade não é uma subida, mas sim uma descida ao encontro dos outros. Por aí passa o ponto de cruzamento entre a espiritualidade e a ética cristã.** Não se trata de um apelo para uns poucos escolhidos que se distinguem do resto da humanidade, a qual se debate em dúvidas, tentações e imperfeições. Pelo contrário, é a radicalização do ser humano como caminho para o encontro com o verdadeiro Deus.

O caminho da santidade é, segundo Francisco, transfigurar o quotidiano, resgatar o extraordinário no meio do ordinário. É também vigiar, constantemente, e estar atento às armadilhas que nos surgem, a cada momento, na vida, e superá-las inspirados pela experiência de amar e as

opções fundamentais que daí decorrem. É discernir, constantemente, não entre o bem e o mal, mas entre o bom e o melhor. Assim, as escolhas vitais qualificarão a existência, não deixando que esta seja arrastada por ideologias que a apoucam e lhe diluem a nobreza.

Na verdade, o que o papa afirma, ousadamente, é que **a santidade é um chamamento dirigido a todos, e não somente aos padres, às freiras, aos religiosos.** É um caminho para todo o ser humano que não se conforma com este mundo, e entende que deve fazer o possível para o transformar e humanizar. É uma vocação para todo aquele ou aquela que não aceita que a sua vida tenha de resumir-se em satisfazer pulsões, buscar sensações sofregamente e contentar-se com gratificações superficiais que se desvanecem rapidamente, deixando um gosto amargo e frustrante na boca e no coração.

Francisco adverte: **“Não podemos propor-nos um ideal de santidade que ignore a injustiça deste mundo,** onde alguns festejam, gastam folgadoamente e reduzem a sua vida às novidades do consumo, ao mesmo tempo que outros se limitam a olhar de fora, enquanto a sua vida passa e termina miseravelmente.” A santidade não é, apenas, uma maneira de se comportar religiosamente, ou um estilo de rezar, mas uma forma de conceber a própria existência enquanto serviço oferecido ao outro. Serviço que se deseja, ao mesmo tempo, fiel a Deus e às realidades humanas. E essas realidades humanas têm um alcance maior do que, simplesmente, as relações interpessoais ou micro comunitárias. Elas alcançam as próprias estruturas que condicionam a vida dos outros homens e mulheres, e podem favorecer ou contrariar a justiça, a paz e a vida plena para todos.

Neste sentido, **santidade não é apenas uma “performance” sempre cada vez mais perfeita de ascese e crescimento individual,**

mas um compromisso pela vida, sobretudo a dos outros e, dentre estes, dos mais vulneráveis e frágeis. Francisco diz, explicitamente, que “a defesa do inocente nascituro, por exemplo, deve ser clara, firme e apaixonada, porque, neste caso, está em jogo a dignidade da vida humana, sempre sagrada, e exige-o o amor por toda e qualquer pessoa, independentemente do seu desenvolvimento. Mas igualmente sagrada é a vida dos pobres que já nasceram e se debatem com a miséria, o abandono, a exclusão, o tráfico de pessoas, a eutanásia encoberta de doentes e idosos privados de cuidados, as novas formas de escravatura, e com todas as formas de descarte.”

É assim que **a santidade está ao alcance de todos aqueles e aquelas que reconhecem a sua própria finitude e desejam ser transformados pelo amor que é maior e os faz plenamente humanos.** Ser santo

não é para campeões da perfeição, mas para pecadores que se reconhecem como tais, mas se deixam configurar pela graça de Deus e pelo apelo que vem do alteridade desfigurado de todo aquele que sofre e necessita de cuidado e atenção.

Como diz o grande filósofo católico francês Jean Luc Marion: **“Pecadores e traidores é o que mais existe na Igreja. O extraordinário, o surpreendente, é que esta mesma Igreja ainda seja capaz de produzir santos”**. Francisco parece acreditar nesta capacidade. E não a restringe, apenas, a um seletivo grupo de especialistas, mas estende-a, ampla e universalmente, a todo aquele ou aquela que desejar viver plena e radicalmente a sua condição humana criada e redimida pelo Deus da vida.

MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER.
Teóloga brasileira

preciso do teu rosto esta manhã

A experiência de ***bem-aventurança*** é a de que a vida é, ou pode ser, completa e plena. Quem não deseja ser feliz?

RETORNEMOS ÀS BEM-AVENTURANÇAS. É o grande discurso de Jesus. Bem-aventurados os pobres em espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os construtores da paz, os perseguidos... Santo Agostinho dizia tratar-se do Evangelho breve, a síntese de toda a

boa nova. Mahatma Gandhi, que não sendo cristão se apaixonou pelas **Bem-Aventuranças** quando estudante, declarou esta coisa espantosa: se, por uma calamidade, se perdesse toda a literatura e apenas permanecesse esta página das Bem-Aventuranças, teríamos o fundamental daquilo que foi dito, escrito, procurado, sonhado... Permaneceria vivo o melhor da huma-

nidade.

A palavra-chave do discurso da montanha é o termo grego makários, que significa “bem-aventurado, feliz, afortunado”, e está etimologicamente ligado a mégas (que se pode traduzir por amplo, grande, extenso). A experiência de bem-aventurança é a de que a vida é, ou pode ser, completa e plena. Quem não deseja ser feliz? Quem não surpreende no mais íntimo da sua condição humana uma sede de plenitude? Esse é efetivamente o horizonte a que cada um de nós aspira: fomos criados para a felicidade, essa é a nossa verdade. E quando não a experimentamos sentimos que não somos, que algo de fundamental faltou, julgamo-nos vazios e naufragados. É como se a vida nos tivesse falhado. A procura da felicidade é alguma coisa que define o ser humano, de todos os tempos. E não só a religião, mas também as ciências, as artes, a filosofia, as literaturas dão esse testemunho ininterrupto. Há no cerne do que designamos por cultura uma sede de bem-aventurança à qual não podemos permanecer indiferentes.

Mas atenção: as bem-aventuranças não promovem o escapismo. O discurso cristão nada tem de idealização, triunfalismo ou indiferença em relação aos limites e, por vezes, aos implacáveis limites da existência. Pelo contrário: o programa de vida que as bem-aventuranças desenhavam dialoga com a nossa humanidade concreta e com os contextos e constrangimentos que nos cabe viver. Nessa linha, não podemos esquecer que a verdade daquele Jesus de Nazaré, que primeiro as pronunciou, é uma verdade crucificada.

Se tivéssemos de identificar um testemunho de procura das bem-aventuranças na contemporaneidade provavelmente não nos recordaríamos do escritor norte-americano Jack Kerouac e da chamada *beat generation*. Mas há no pulsar deste nosso tempo desencontrado mais inquietação espiritual, mais sede de absoluto do que aquela que pensamos. Foi, por exemplo, o próprio Kerouac a cunhar a expressão *beat generation*. Ora, o termo *beat*, que tem mais do que uma aceção, constitui, porém, a primeira parte da palavra beatitude, o que nos obriga a mergulhar nas raízes católicas de Kerouac, bem evidentes em grande parte da sua obra. Numa das suas páginas diarísticas, ele escreve: “Ó Deus, preciso do teu rosto esta manhã, preciso de entrever o teu rosto através dos vidros empoeirados da janela, entre o fumo e o furor; preciso de escutar a tua voz acima do grande ruído da metrópole. Sinto-me exausto, ó Deus.” Num interessante volume editado no início deste ano, e com um título roubado a uma canção de BRUCE SPRINGSTEEN, “*Hard to Be a Saint in the City: the Spiritual Vision of the Beats*”, Robert Inchaust escreve que Jack Kerouac foi um dos mais humildes e devotos escritores americanos do século XX. E que ele, mais do que um PHILIP ROTH, desejou ser uma versão jazz dos grandes místicos. De muitas maneiras, temos de reconhecer, o coração humano é uma jangada em chamas na direção do infinito.

TOLENTINO MENDONÇA

Revista *Expresso*, 08/09/2018.



O sarcófago do século IV de Crispina, exposto nos Museus do Vaticano em Roma, mostra a falecida segurando um códex com o símbolo de Chi-Rho para Cristo. (Flickr / Erik Törner)

Arte funerária romana revela mulheres “esquecidas” do cristianismo

“O ditado entre aqueles que estudam antigas práticas funerárias é: *“A maneira como enterras os mortos diz muito sobre o que valorizas nos vivos”*. Este é precisamente o alicerce sobre o qual Schenk tenta construir sua tese a respeito da autoridade das mulheres”, escreve [LAURIE BRINK](#), irmã dominicana e professora de estudos do Novo Testamento na *Catholic Theological Union*, em comentário publicado por *National Catholic Reporter*, 11-07-2018.

Nada como alegria irreverente, não é? Se assim for, então é desta forma que eu teria descrito a Irmã de São José, [Christine Schenk](#), quando ela estava entre as ruínas da antiga Cencrêia, onde está localizada a Igreja doméstica da [diaconisa Febe](#), durante um programa de viagens que dirigi. É muito interessante estar num lugar mencionado nas nossas Escrituras. Isso estimula-nos e nos lembra dos nossos antepassados da fé como pessoas reais e históricas. Neste caso, uma mulher do primeiro século, a quem o apóstolo Paulo chamou de *“nossa irmã, que é também um [diakonos](#) da igreja em Cencrêia”* (Romanos 16: 1).

É essa sensação que permeia *“Crispina and Her Sisters: Women and Authority in Early Christianity”* (Crispina e suas irmãs: “Mulheres e sua autoridade no [cristianismo primitivo](#), em português). Essa conexão ao longo do tempo torna o que poderia ser uma repetição de factos empoeirados numa leitura envolvente.

O objetivo expresso de Schenk é permitir que os homens, e especialmente as mulheres, recuperem a memória de mulheres influentes, cujo testemunho têm sido por muito tempo invisível ou distorcido na memória cristã, com a esperança de chamar a atenção para essas antigas imagens das primeiras mulheres cristãs. Representações de autoridade icônicas podem ajudar-nos a redefinir nossos modelos mentais preconcebidos.

Com esse objetivo, que exige uma metodologia meticulosa que faria com que até mesmo epigrafistas

e historiadores experientes parassem, a pesquisa e a escrita de Schenk levaram três anos para serem realizadas. Ela explorou imagens visuais encontradas em artefatos funerários de proeminentes mulheres cristãs do terceiro e quarto século. Examinou a história delas nos primeiros quatro séculos da era comum e estudou o significado da arte funerária dentro das convenções greco-romanas.

Ao mesmo tempo que seu trabalho faz uma contribuição valiosa para o debate sobre os papéis de autoridade das mulheres dentro da Igreja primitiva, *Crispina and Her Sisters* traz outra contribuição para os acadêmicos que investigam práticas de enterro cristão. Schenk analisou 2119 mil imagens e decifradores de sarcófagos (caixões de

pedra), além de fragmentos do terceiro ao quinto séculos, - "todas as imagens atualmente disponíveis de sarcófagos cristãos". Perdoem-me, mas analisar, compilar esses dados e comparar os resultados com as representações literárias das mulheres cristãs oferece uma contribuição única para os estudos sobre os primeiros cristãos.

O cristianismo primitivo emergiu primeiro dentro da matriz do judaísmo palestino (pense em Jesus, Maria e os primeiros discípulos), mas em duas décadas tornou-se um fenômeno urbano dentro do mundo greco-romano maior. Como observa Schenk, os papéis das mulheres não eram tão definidos por sua religião quanto por sua posição. "O patriarcado restringiu as mulheres judaicas e gentias, mas a extensão dessa restrição dependia mais do status socioeconômico e do contexto cultural, do que de sua filiação religiosa".

Apenas pessoas ricas podiam dar-se ao luxo em velar seus mortos com sarcófagos finamente esculpidos, enquanto homens e mulheres escravizados podiam, na melhor das hipóteses, esperar por alguma marcação ao redor do terreno da família. Mas o interesse de Schenk é direcionado para a investigação de mulheres cristãs com autoridade, que, dentro do sistema patriarcal romano, seriam mulheres com status que poderiam dar-se ao luxo em deixar memoriais para trás.

Antes de investigar o material permanente, Schenk analisa o contexto sociocultural (Capítulo 1) e a oposição às mulheres cristãs com autoridade durante os primeiros três séculos (Capítulo 2). Estes capítulos fornecem uma introdução ao cristianismo primitivo através das lentes da participação das mulheres.



Bitalia retratada em afresco na catacumba de San Gennaro em Nápoles, Itália (Foto: Dominik Matus /Wikimedia Commons)

Schenk conclui que três diferenças significativas entre as sociedades do primeiro e do quarto séculos podem ser atribuídas à influência e autoridade exercidas pelas mulheres cristãs:

- O **celibato** permitiu que as mulheres renunciassem ao **casamento** e diminuíssem o vínculo do patriarcado: o **casamento obrigatório**.

- O cuidado, o **batismo** e a educação dos órfãos feitos pelas mulheres cristãs, não só melhoraram o bem-estar social dos órfãos, mas também aumentaram a população cristã.

- A transformação da sociedade romana de uma cultura não cristã para cristã foi reforçada através das redes de contato e de esforços de **evangelização das mulheres**.

Schenk, em seguida, fornece uma cartilha útil para interpretar a **arte cristã primitiva** (Capítulo 3) antes de se concentrar no retrato das mulheres em afrescos e inscrições (Capítulo 4).

Um dos grandes valores de trabalhar com inscrições e arte funerária é a descoberta de

peças que, de outra forma, passariam despercebidas na história.

"Enquanto fontes literárias normalmente conectam historiadores com pessoas instruídas das classes superiores, imagens visuais e artefactos podem fornecer uma janela para o mundo das pessoas comuns, que na verdade sempre constituem a maioria".

Por exemplo Bitalia, que é retratada num afresco acima do seu local de sepultamento, na Catacumba de San Gennaro, em Nápoles, Itália, com dois livros abertos flutuando acima de si. As páginas estão inscritas em latim: Joannis, Markus, Matteus. Schenk sugere que, a partir da posição em pé de Bitalia, e da presença dos Evangelhos, esta mulher do século IV estava envolvida no ensino e proclamação dos Evangelhos.

Finalmente, a Crispina homónima é retratada no sarcófago do século IV em que ela mantém um códex com o símbolo de Chi-Rho. A fachada elaboradamente esculpida, contém vinhetas de Jesus e Pedro, sugerindo que Crispina pode ter sido lembrada por seus ensinamentos sobre Jesus e Pedro.

O ditado entre aqueles que estudam antigas práticas funerárias é: "A maneira como você enterra os mortos diz muito sobre o que você valoriza nos vivos". Este é precisamente o alicerce sobre o qual Schenk tenta construir sua tese a respeito da autoridade das mulheres.

Como as mulheres cristãs eram retratadas em inscrições e em sarcófagos em comparação com homens cristãos? Os capítulos 5 e 7 exploram as

práticas fúnebres romanas e o surgimento da iconografia do sepultamento cristão, com atenção para a representação do morto em retratos.

O capítulo final reúne os resultados da análise funerária e a evidência literária da autoridade das mulheres cristãs, confirmando a tese de Schenk de que, apesar dos esforços eclesiais em sentido contrário, as mulheres exerceram considerável influência, patronato e autoridade nos primeiros séculos.

Com a publicação de *Crispina and Her Sisters*, Schenk demonstra que está ao lado dessas irmãs "mais velhas" que exerceram autoridade, inspirando, educando e construindo a comunidade cristã de então e de hoje.

A santidade está ao alcance de todos aqueles e aquelas que reconhecem a sua própria finitude e desejam ser transformados pelo amor que é maior e os faz plenamente humanos. Ser santo não é para campeões da perfeição, mas para pecadores que se reconhecem como tais, mas se deixam configurar pela graça de Deus e pelo apelo que vem do alteridade desfigurado de todo aquele que sofre e necessita de cuidado e atenção.

MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER

morrer é

«descansar no mistério da misericórdia de Deus». Hans Küng

Jesus nunca escondeu seu carinho pelos três irmãos que vivem em Betânia. Seguramente são os que o acolhem na sua casa sempre que sobe a Jerusalém. Um dia, Jesus recebe um recado: «**O nosso irmão Lázaro, o teu amigo, está doente**». Ao fim de pouco tempo Jesus encaminha-se para a pequena aldeia.

Quando se apresenta, Lázaro já morreu. Ao vê-lo chegar, Maria, a irmã mais jovem, põe-se a chorar. Ninguém a pode consolar. Ao ver chorar a sua amiga e também os judeus que a acompanham, Jesus não pode conter-se. Também Ele «*se põe a chorar*» junto deles. As pessoas comentam: “*Como o queria!*”.

Jesus não chora só pela morte de um amigo muito querido. **Quebra-se sua alma ao sentir a impotência de todos ante a morte.** Todos levamos no mais íntimo do nosso ser um desejo insaciável de viver. Por que temos de morrer? Por que a vida não é mais feliz, mais longa, mais segura, mais vida?

O homem de hoje, como em todas as épocas, leva cravada no seu coração a pergunta mais inquietante e mais difícil de responder: que vai ser de todos e cada um de nós? É inútil tratar de nos enganarmos. **Que podemos fazer ante a morte? Revoltar-nos? Deprimir-nos?**



Sem dúvida, **a reação mais comum é esquecer e «seguir em frente».** Mas, não está o ser humano chamado a viver a sua vida e a viver-se a si mesmo com lucidez e responsabilidade? Só próximo do nosso fim, havemos de nos acercar de forma inconsciente e irresponsável, sem tomar qualquer posição?

Ante o mistério último da morte, não é possível apelar a dogmas científicos nem religiosos. Não nos

podemos guiar mais para além desta vida. Mais honrada parece a postura do escultor Eduardo Chillida, o qual, em certa ocasião, escutei-o dizer: «**Da morte, a razão me diz que é definitiva. Da razão, a razão me diz que é limitada**».

O cristão não sabe da outra vida mais que os outros. **Também nós devemos aproximar-nos com humildade ao acontecimento obscuro da nossa morte.** Mas fazemos com uma confiança radical na bondade do Mistério de Deus que vislumbramos em Jesus. Esse Jesus a quem, sem o termos visto, amamos e a quem, sem o ver ainda, damos a nossa confiança.

Esta confiança não pode ser entendida a partir de fora. Só pode ser vivida por quem respondeu, com fé simples, às palavras de Jesus: «**Eu sou a ressurreição e a vida. Acreditas nisto?**». Recentemente, HANS KÜNG, o teólogo católico mais crítico do século XX, próximo já do seu fim, disse que, para ele, **morrer é «descansar no mistério da misericórdia de Deus».** Assim eu quero morrer.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA
31/03/2017 (João 11-1-45)